

Igreja Universal do Reino de Deus *versus* Candomblé: uma guerra santa?

Paulo César de Brito
Universidade Federal da Bahia
Mestrando em Ciências Sociais
pcbrito3@yahoo.com.br

GT: Religiões e Religiosidades e Intolerância na Modernidade Ibero-Americana

A intolerância entre os adeptos das religiões tem sido tema de discussões entre vários autores. John Locke (1632 – 1704) em *Carta Acerca da Tolerância* (LOCKE,1973), já sinalizava para essa questão. Nesse texto, o autor observava que a intolerância encerra interesses que estão além dos propriamente religiosos. Assim, a imposição de princípios religiosos àqueles que não os aceitem ou que pertençam a outra modalidade de religião, constitui um arbítrio e, em grande medida, essa imposição visa à dominação do outro.

A despeito de ser defensor de princípios que favoreciam o individualismo e a cidadania burguesa, Locke irá, em vários de seus textos, se contrapor a toda sorte de imposições que infringem a liberdade individual. Para o autor,

[...] nenhum indivíduo tem o direito de prejudicar ou atacar qualquer pessoa tanto nos seus direitos civis quanto no direito de professar outra religião. Isto porque os direitos do indivíduo são invioláveis [...] Deve-se evitar toda violência e injúria, seja ele cristão ou pagão (1973, p. 5).

Para Locke a imposição de uma religião como verdade absoluta constitui um arbítrio, uma vez que toda crença se constitui como ortodoxa para os seus seguidores, pelo que se conclui que os demais sejam hereges. Portanto, toda crença é “verdadeira” e o estabelecimento da “verdade” é relativo no tempo e espaço, no sentido de que se constitui por meio das relações. Todavia, a intolerância religiosa tem sido uma recorrência em vários tempos e sociedades. A luta entre católicos e protestantes na Europa Moderna é uma evidência desse fenômeno. Em 24 de agosto de 1572 ocorre o Massacre de São Bartolomeu. Por ordem do rei Carlos IX, encorajado por sua mãe Catarina de Médicis, milhares de protestantes são massacrados em Paris e nas províncias. Já em 1685, o Editto de Nantes – trata-se da determinação em que o Rei Henrique IV põe fim às guerras de religião e dá liberdade de culto aos protestantes, ainda que sob algumas condições – é revogado por Luis XIV e a religião reformada é proibida no Reino da França. Os protestantes são convertidos à força e tidos como “novos católicos. No século XVIII, Luis XV, rei da França, determinou um desígnio que consistia em extirpar as heresias.

Assim, os pastores ou protestantes que fossem surpreendidos realizando cultos em seus ministérios, seriam punidos com penas severíssimas. Os homens seriam punidos com galés perpétuas e as mulheres receberiam prisão perpétua (VOLTAIRE,2000,P.10).

Os protestantes não tinham estado civil, seus registros de nascimento e casamento fora da Igreja Católica não eram legalmente reconhecidos. Seus filhos eram considerados bastardos e com isso não tinham direito de receber heranças (VOLTAIRE,2000,P.10). Essa imposição levava a maior parte dos protestantes a realizarem atos puramente formais de catolicidade. A eles ainda era vedado o exercício de certas profissões. Em 1751, o bispo de Agen, além de elogiar a Revogação do Edito de Nantes, fazia críticas ao Calvinismo, qualificando-o de uma religião que “consagra vícios e a licenciosidade”(VOLTAIRE,2000,P.11). Vários membros da Igreja Católica faziam apologia ao Massacre de São Bartolomeu . Isso contribuiu para a retomada de uma tensão,em 1760, entre católicos e protestantes. Por volta de 1762, ao norte de Montauban, Rochette, um pastor protestante e três irmãos fidalgos , seguidores da mesma crença que este, foram enforcados. O motivo do crime: terem declarado e defendido suas identidades de huguenotes . Na França desse período,o cenário de intolerância religiosa parecia não ter mais fim.

Nos dias atuais, a intolerância religiosa, em especial a praticada pela Igreja Universal do Reino de Deus contra as religiões Afro-brasileiras apresenta algumas contigüidades com aspectos daquela modalidade de intolerância praticada pelos católicos,no passado, a despeito dos eventos se encontrarem em temporalidades distintas. Os mecanismos de distinção identitária parecem ratificar essa afirmação.

Pode-se afirmar que os adeptos de toda religião, além de se considerarem a sua como a mais verdadeira, tendem a ver a outra como heterodoxa, fora da norma. Esse princípio contribui para definir diferenças identitárias, que ocorrem de modo relacional. Para Pierre Bourdieu essa relação constitui uma luta que ocorre dentro de um campo específico – o religioso. O campo é compreendido como o espaço social das relações de forças mais ou menos desiguais, em que os agentes dotados de um domínio prático do sistema, de esquemas de ação e de interpretação, se situam com posições bem demarcadas, levando consigo, em todo tempo e lugar, sua posição, presente e passada, na estrutura social sob a forma de *habitus*. A dinâmica das relações internas ao campo podem ser comparadas a um jogo, no qual cada agente ou jogador sabe a hora de acionar o ataque ou a defesa. Nessa arena os agentes lutam pela distribuição de um capital específico acumulado em lutas anteriores à formação do campo (BOUDIEU,1982,P.57).

Para o autor de *A Economia das Trocas Simbólicas*, em função da posição que as diferentes instâncias religiosas, indivíduos ou instituições ocupam na estrutura da distribuição do capital de autoridade religiosa no campo, estes podem lançar mão do capital religioso na concorrência pelo monopólio da gestão do sagrado, como também do exercício legítimo do poder de modificar em bases duradouras as representações e práticas dos leigos através da inculcação do *habitus* religioso. Nesse sentido, pelo fato das posições das instâncias religiosas, instituições ou indivíduos determinarem as estratégias, a luta pelo monopólio do poder religioso sobre os leigos estrutura-se em torno da oposição entre a Igreja e o profeta ou entre a Igreja e outras empresas de salvação. O campo religioso é, desse modo, estruturado em um sistema de relações entre os detentores do monopólio da gestão dos bens sagrados e os leigos, objetivamente definidos como profanos por serem ignorantes da religião e estranhos ao sagrado e ao corpo de especialistas dos bens sagrados. Isso estabelece o princípio da oposição entre o sagrado e o profano, em que a religião é concebida como instância do sagrado e a magia enquanto uma esfera profana e profanadora. Assim, toda prática ou crença dominada será concebida como heterodoxa, profanadora e a sua rival como ortodoxa (BOURDIEU,1982,P.57). Todavia, a atribuição do status de profano, heterodoxo ou demoníaco a uma determinada crença por outra pode preceder a própria dominação de uma agência sobre a outra.

O discurso acusatório de demonização do outro pode constituir um dos mecanismos de diferenciação identitária. Assim, o caráter heterodoxo da crença que se tornará dominada precede esta dominação. Essa luta pode contribuir para que o campo seja continuamente reestruturado.

A diminuição do número de católicos – da ala majoritária dessa denominação –, de seguidores do Luteranismo e da Umbanda no Brasil, sinalizam para uma modificação no campo religioso brasileiro. A religião de Bento XVI perde terreno para o avanço Pentecostal. Para Pierucci, a modificação ocorrida nessa instância social relaciona-se com a modernização das sociedades. Pois, à medida em que esse processo se estabelece, os indivíduos tendem a se desfazer de seus antigos laços, o que contribui para que as pertencas sociais e culturais tornem-se opcionais, desfazendo-se as antigas “raízes”. Os vínculos são revisáveis. Isso atinge todos os campos sociais, contribuindo para a derrocada das religiões tradicionais. A modernização acelera a diferenciação das várias esferas sociais e a concorrência contribui para esse processo (PIERUCCI,2004,P.19). Desse modo, o decréscimo do catolicismo no país, como também dos luteranos e da Umbanda se deve a uma pluralização crescente do campo religioso, com o crescimento vertiginoso dos grupos evangélicos, sobretudo dos pentecostais. “*No Brasil, as*

igrejas evangélicas saltaram de 13.189.282 fiéis em 1991 para 26.210.545 em 2000”(PIERUCCI,2004,P.23).

Contudo, o catolicismo continua majoritário, a grande virada dos protestantes (PIERUCCI, denomina tanto os protestantes históricos quanto os pentecostais, de protestantes) ainda não ocorreu, embora os dados do censo do IBGE de 2000 continuem apontando uma tendência de crescimento para esse segmento.

O Brasil continua mudando gradualmente no que diz respeito ao componente sagrado e se destradicionalizando no que se refere a opção religiosa, ainda que tenha adentrado o novo século com 125 milhões de católicos declarados e com 26 milhões de evangélicos (PIERUCCI,2004,P.25). Em termos absolutos, o país ainda conta com 73,8% de seguidores católicos. Todavia, em estados como o Rio de Janeiro e Rondônia o percentual desse setor caiu para 50%. Sendo que o Rio de Janeiro é considerado o estado menos católico. O declínio se acentuou nas duas últimas décadas do século passado, particularmente nos anos 1990. Concomitantemente, os evangélicos cresceram assustadoramente, a uma taxa de 100%. Esse crescimento do protestantismo se deve ao superdinamismo dos pentecostais e neopentecostais. Pois, alguns ramos do protestantismo decresceram, haja vista, os luteranos. Esta religião, até meados do século XX constituía o maior segmento de protestantes históricos brasileiros, mas no censo de 1991 do IBGE, ela caiu para segundo lugar entre os evangélicos. Foi superada pela batista, que nesse mesmo período apresentava um índice de 1,5 milhão de seguidores (Pierucci,2004:23).

Essa dinâmica não se restringe apenas aos luteranos. Na década de 1960, a Umbanda, além de ganhar prestígio nos meios intelectuais e acadêmicos, mostrava sinais de crescimento. Em 1967, segundo o Serviço de Estatística Demográfica Moral e Política do Ministério da Justiça, o número de adeptos dessa religião era da ordem de 240.088 e o número de brasileiros freqüentadores continuava a aumentar. Porém, na década de 1980 essa agência do sagrado começou a declinar e o número de adeptos continua a decrescer. Nas duas últimas décadas do século XX, tanto a Umbanda quanto o Candomblé passaram a perder seguidores para outras denominações. *“Dos 0,57% de brasileiros que declaravam pertencer à Umbanda ou ao Candomblé em 1980, apenas 0,44% o fazem em 1991 e em 2000 ainda menos: 0,34%”(PIERUCCI,2004,P.25).*

Contudo, a partir de 1991, quando o IBGE passou a separar a Umbanda do Candomblé no seu censo, foi possível perceber que a Umbanda caiu de 541.518 em 1991 para 432.001 adeptos em 2000 enquanto o Candomblé, no mesmo período cresceu de 106.957 para 139.329 seguidores. Essas informações sugerem que o campo religioso brasileiro tem encerrado uma

dinâmica, um jogo de forças, de mudanças, de concorrências, em que as religiões mais inscritas na Modernidade, parecem levar vantagens em relação às mais Tradicionais.

Além das mudanças apresentadas acima, essa esfera social ainda apresenta modificações de outra ordem. Os ataques e avanços dos pentecostais e em especial dos neopentecostais contra adeptos de outras crenças têm suscitado reações destes. As críticas, discussões e ações que as igrejas neo-pentecostais vêm sofrendo, sobretudo de líderes da igreja Católica, como também de outras denominações religiosas, como as religiões mediúnicas que competem diretamente com a IURD no “ mercado religioso”, sinalizam para essa mudança apontada acima. Os seminários e discussões acerca do Avanço Pentecostal e em especial do Neo-pentecostal que a CNBB vem realizando são tentativas de frear o crescimento destes segmentos, inclusive para garantir a continuidade da hegemonia dos católicos. Os mesmos voltam-se para a recriação de práticas religiosas populares/tradicionais – que se caracterizam em cultivar o mistério, o misticismo, os rituais, os cantos, as festas, as crenças em demônios e em almas penadas. Outras medidas são: incentivo às associações religiosas de leigos como Apostolado da Oração, Consagração Mariana; valorização de gestos e símbolos, comuns - que eram usados antes do Concílio Vaticano II - como vestes religiosas; incentivo ao desenvolvimento das pastorais(Saúde, Terra, Jovens, Família); injeção de espiritualidade nas CEBS e mudanças de discurso; melhor acolhida das pessoas nas igrejas e nos grupos religiosos, com maior atenção ao indivíduo; prática litúrgica mais vibrante e mais carregada de emoção; incentivo ao uso dos meios de comunicação de massa, especialmente rádio e tv e apoio à renovação Carismática. Essas medidas sinalizam para uma reestruturação no campo religioso brasileiro(ORO,1996,P.92/108).

Nesse sentido, além de constituir um mecanismo de construção/ratificação identitária e de provocar mudanças no campo religioso, a intolerância religiosa empreendida pela Igreja Universal parece encerrar elementos típicos das sociedades Modernas e Contemporâneas.

A intolerância religiosa que a doutrina oficial da Igreja Universal do Reino de Deus empreende contra as religiões Afro-brasileiras parece constituir um mecanismo de concorrência entre duas visões de mundo, distintas – mas não necessariamente tão distintas, pois a IURD simultaneamente encerra contigüidades e descontigüidades com princípios das religiões afro-brasileiras. A utilização de elementos mágicos em seus rituais de exorcismos é emblemática dessa afirmação. Ao se confrontarem, os seguidores ratificam diferenças e contribuem para legitimarem suas identidades religiosas. Os ataques promovidos por setores prevalentes dos neo-pentecostais, com especial destaque à IURD contra o Candomblé, constituem uma negação da alteridade. Essa ação, no entanto, ao mesmo tempo que nega o outro, afirma-o, ainda que qualificando-o negativamente(Hall e Woodward,2000).

Os setores prevalentes das correntes do Neopentecostalismo ou pentecostalismo autônomo, categorias nas quais a Igreja Universal se enquadra, se caracterizam por participarem ativamente da política partidária, por fazerem apelo ao dom de cura divina, à prosperidade e aos rituais de exorcismos, por fazerem “guerra santa” e por darem atenção especial ao indivíduo. São intolerantes, estimulam a expressividade emocional e organizam-se de modo empresarial com grandes aberturas para a acomodação ao mundo.

A IURD faz parte do que autores como Ricardo Mariano (Freston, Corten, dentre outros) denominam de *Terceira Onda Pentecostal* – renomeada de neopentecostalismo. A Universal se inscreve nessa categoria, pois difere das igrejas pentecostais: 1) por uma maior valorização ao exorcismo – há exacerbação da guerra espiritual contra o Diabo e seu séquito de anjos decaídos (em contraste com a ênfase do Pentecostalismo tradicional sobre a experiência de recebimento do Espírito Santo; 2) por exercer menor controle sobre a vida do fiel (há liberalização dos estereotipados usos e costumes de santidade), fazendo uma série de acomodações da sua doutrina ao mundo e conferindo peso menor ao ascetismo; 3) por fazer apelo à prosperidade (pregação enfática da Teoria da Prosperidade), defendendo a crença de que o fiel deve ser feliz aqui e agora; 4) por fazer forte apelo à utilização de meios mágicos de salvação, incluindo uso extenso de objetos como mediação do sagrado. No que diz respeito aos rituais de exorcismo, há um forte combate às religiões mediúnicas. Desse modo, a Universal se contrapõe ao universo Afro-brasileiro, com base na idéia de uma guerra de Deus contra o Diabo pela disputa das almas humanas e na idéia de que as religiões Afro-brasileiras, apresentam uma visão de mundo não dicotômica (bem versus mal) e encerram uma cosmologia marcada pelo politeísmo. Por isso são consideradas pela IURD como um *locus* demoníaco (Mariano, 1999:34). A presença de Orixás como Xangô, Obaluê, Oxumarê, Exu Caveira, etc, como também a não punição a certos padrões comportamentais “desviantes”, haja vista alguns comportamentos sexuais que são considerados pelo texto bíblico como “anormais”, observados no Candomblé, leva igrejas como a Universal a se contraporem. Assim, a religião de Menininha do Gantois, ao aceitar em seus espaços sagrados pessoas e comportamentos, bíblicamente, “desviantes”, acentua a fúria de agências neo-pentecostais. Isso porque o cristianismo encerra uma noção de pessoa e de mundo bem diferente da concepção do Candomblé. Neste, o que há são características, e de acordo com o Orixá que preside a cabeça dos indivíduos, estes terão qualidades e defeitos. Ao se identificarem com as características das suas entidades, podem internalizar o ciúme, a sensualidade, a esperteza, concomitantemente a características como capacidade criativa, altruísmo,

generosidade e honestidade. Enquanto que no cristianismo as características dos indivíduos são separadas entre “boas” e “más”.

Ademais, o Candomblé, é marcado pelo diálogo prático com outras religiões como a Umbanda e o Catolicismo popular. Parte considerável dos seguidores da religião dos Orixás ainda vai à missa e louva santos católicos, a despeito da politização e negação dessa atitude que vem se estabelecendo entre estratos de seguidores do Candomblé que negam o sincretismo. Nesse sentido, esta é uma religião que se caracteriza pela não exclusão/perseguição de outras religiões como também que aceita toda sorte de pessoa, sem perguntas, sem questionamentos. No terreiro se aprende que cada indivíduo tem uma divindade pessoal, um arquétipo mitológico que explica os desejos e os comportamentos de cada pessoa(Carmo,2006,P.17/23).Seus rituais são marcados por sacrifícios de animais, tais como galinhas, carneiros, bois, pombos e pela adoração da natureza – os orixás são concebidos como forças da natureza – o que acentua a diferença entre este universo religioso e as religiões de matriz judaico-cristã(Lima,2004,P.216/217).

As igrejas neo-pentecostais e em especial a IURD se estruturam empresarialmente. Este elemento, além de alguns citados acima(negação do sectarismo e do ascetismo das pentecostais históricos), indica que a Igreja do Bispo Edir Macedo se inscreve na Modernidade, o que demonstra que Modernidade e Religiosidade não são instâncias necessariamente contraditórias .A despeito da existência da secularização,compreendida como a autonomização das diferentes esferas sociais em relação à religião, em quase todas as sociedades,com exceção das sociedades islâmicas(PIERUCCI,2000), o surgimento de religiões bem como a sua compatibilidade com a Modernidade tem sido uma constante.

Vale lembrar, a esse respeito, a imbricação do fenômeno religioso com a Modernidade sugerida por Max Weber em *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Ao contrário de muitos iluministas que viam o desenvolvimento da racionalidade contribuindo para o fim do irracionalismo, representado pela religiosidade, Weber defenderá que a ética protestante é um dos elementos fundamentais para a constituição da Modernidade, em especial de um dos elementos centrais desta, a organização capitalista ocidental.

[...] O ascetismo cristão, que de início fugia do mundo para a solidão, já o tinha dominado a partir do mosteiro e pela Igreja. Com isso, todavia, não alterava o caráter natural, espontâneo da vida cotidiana no século. Agora ele adentrou no mercado da vida,(...) tentou penetrar exatamente naquela rotina diária com sua meticulosidade, e amoldá-la a uma vida racional, mas não deste mundo, nem para ele [...].(WEBER,1994,P.6)

O processo de modernização ocorrido no Ocidente, segundo Max Weber, está fundamentalmente ligado ao espírito da ascese puritana. A organização capitalista racional é em grande medida tributária dessa modalidade de ascetismo.

Para esse autor, as forças mágicas e as idéias éticas de dever, baseadas nessas mesmas forças, constituem elementos fundamentais na formação da conduta. Há certas idéias religiosas que influenciam no desenvolvimento de um espírito econômico – ou que contribuem para a constituição de um ethos de um sistema econômico. Para Weber, a estruturação do espírito da moderna vida econômica capitalista está conectada, nos primórdios dessa modernidade com a ética racional da ascese protestante.

A partir do século XVI, parte significativa do velho império europeu aderiu ao protestanismo. E a Reforma Protestante não se caracterizou pela eliminação do controle da igreja sobre o âmbito da vida cotidiana. Longe disso, essa instituição

...Significou de fato o repúdio de um controle que era muito frouxo, na época praticamente imperceptível, pouco mais que formal, em favor de uma regulamentação da conduta como um todo, que penetrando em todos os setores da vida pública e privada, era infinitamente mais opressiva e severamente imposta... (WEBER,1994, p.30).

Essa regra de controle eclesiástico que foi imposta pelo Calvinismo no século XVI em Genebra e na Escócia, bem como na Holanda nos séculos XVI e XVII, e em grande parte da Inglaterra, ocorreu em regiões que apresentavam altos índices de desenvolvimento econômico. E a despeito desse grande desenvolvimento econômico, os reformadores religiosos suscitavam maior controle eclesial sobre todos os âmbitos da vida. A alegria de viver dos puritanos ingleses, americanos e holandeses, como também a “seriedade e predominância dos interesses religiosos na conduta geral da vida de alheamento da matéria...”(Weber,p39,1994), são explicados, em grande medida, por um ethos metódico e sistemático, decorrente do puritanismo, em especial do Calvinismo. A transformação do trabalho em um ato de devoção encerra simultaneamente uma conduta divina e terrena. O trabalho como devoção implica em uma ação nesse mundo, mas não para este mundo. Desse modo, essa ação no trabalho encerra um metodismo e uma disciplina capazes de afastar os indivíduos das paixões e da ausência de regras. A conduta metódica e disciplinada dos calvinistas e pietistas, em relação ao trabalho, contribuíram para constituir o espírito do capitalismo moderno. A busca contínua do lucro como um fim em si mesmo transformou-se em um dos valores mais importantes da moderna organização capitalista ocidental. Contudo, a

lógica que subjaz a esse princípio nasce exatamente da conduta metódica e disciplinada dos puritanistas que tomavam a frugalidade, pontualidade e disciplina no trabalho como um dever, que embora ocorresse no plano terreno tinha como objetivo alcançar a glória de Deus. Eles agiam no mundo, mas o objetivo dessa ação encontrava-se no outro mundo – a salvação.

Essa exposição demonstra que religiosidade e modernidade não são incompatíveis e que a racionalização não resultaria necessariamente no fim das religiões. Nesse sentido, a intensificação da religiosidade, bem como a intolerância que este campo vem assistindo não é uma decorrência da ausência da secularização, mas se inscreve dentro da sociabilidade hegemonicamente vigente. A utilização do televangelismo, do rádio, de editoras para publicação de Jornais e livros pela IURD, como também os próprios ataques que dirige às religiões afro-brasileiras parecem apontar que a Igreja do bispo Edir Macedo opera dentro de uma lógica típica da Modernidade/Contemporaneidade, e que essa característica é um dos elementos fundamentais na explicação da sua eficácia no campo religioso brasileiro, como também do seu crescimento. A esse respeito, Ricardo Mariano observa que o líder maior da Igreja Universal do Reino de Deus, além de ser centralizador, bom comunicador e carismático é um exímio empreendedor religioso e administrador de empresas. Para construir o seu império cercou-se de pessoas que nem sempre eram capacitadas, mas que eram confiáveis para gerir a denominação como também as demais empresas que gradativamente foram agregadas à Igreja, constituindo uma verdadeira *holding*. Todo esse império é sustentado por meio do dízimo e das ofertas que os fiéis fazem à Igreja. Segundo Mariano, o lema do bispo Edir Macedo é de que a sua instituição religiosa precisa funcionar como empresa, para poder fazer frente à concorrência e ser bem-sucedido em um mercado extremamente competitivo como é o mercado religioso brasileiro

Por isso, dedicação, profissionalismo e aumento de produtividade(isto é, aumento da arrecadação, número de congregações, de fiéis e dizimistas, em parte decorrente da longa jornada de trabalho dos pastores) estão entre as principais exigências feitas aos pastores e bispos da igreja. (MARIANO,1999, p. 64).

Nesse sentido, ainda que a IURD apresente decontiguidades com religiões como a Calvinista que considerava o trabalho árduo e devocional como um meio para se alcançar a salvação no além – agindo no mundo, mas sem se contaminar com os desejos deste – a mesma se aproxima dos seguidores de Calvino no que diz respeito à intervenção no mundo (embora de modo emocional e não ascético). Ainda que continue a considerar a salvação pós-morte como relevante, advoga que o homem de Deus é digno de gozos aqui e agora e que o sofrimento é sinal de desvios em relação ao caminho do Espírito santo.(ORO, 1996,p.71).

Os ataques contra outras religiões, a organização de caráter empresarial, a recorrência a princípios bíblicos para explicar os males do mundo, como também para estabelecer/ratificar diferenças identitárias, recursos utilizados pela Universal, parecem sugerir que a intolerância religiosa que marca esta organização realiza “investimentos” tanto de natureza simbólica quanto material. E, embora o conflito entre evangélicos e adeptos do Candomblé ocorra em um campo específico, o religioso, este conflito indica que a IURD reflete elementos da sociabilidade mais geral.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- BOURDIEU, Pierre. A Economia das Trocas Simbólicas. Ed. Perspectiva, 1992
- BERGER, Peter. A dessecularização do mundo: uma visão global. In Religião e Sociedade, Vol I, 1977. pp. 9-23.
- CARMO, João Clodomiro do. O que é Candomblé. Ed. Brasiliense, 2006.
- LOCKE, John. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- MARIANO, Ricardo. O Reino de Prosperidade na Igreja Universal. In: ORO, Ari Pedro, CORTEN, André e DOZON, Jean-Pierre (ORGS). Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé. São Paulo: Paulinas, 2003.
- MARIANO, Ricardo. Neopentecostais – Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- ORO, Ari Pedro. Avanço Pentecostal e Reação Católica. Petrópolis: Vozes. 1996.
- PIERUCCI, Flávio. Secularização Segundo Max Weber. Em J. Souza, A Atualidade de Max Weber. Brasília: Editora Unb.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. “Bye bye, Brasil” – O declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. Estudos Avançados, 2004.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. A Produção social da identidade e da diferença. In: Silva, Tomaz Tadeu, (ORG). Identidade e diferença. Rio de Janeiro, 2000.
- VOLTAIRE, Tratado sobre A Tolerância. 2000.
- WEBER, Max. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. São Paulo: Pioneira, 1994.